

LISTA 3 - CLASSICISMO

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1 Leia os textos.

Texto I

O homem; as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão.
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
civiliza a Lua
coloniza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
s sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus
vê o visto – é isto?
Idem
idem
idem.
O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir o fossa
repetir o inquieto
repetitório.
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra a terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para te ver?
Não – vê que ele inventa
roupa insidervável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(Estará equipado?)
a difícil, dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
o homem
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de conviver.

Carlos Drummond de Andrade. "O homem; as viagens".
In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
© Graña Drummond <www.carlosdrummond.com.br>.

Texto II

No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na Terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Luís de Camões. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 47.

Texto III

Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Luís de Camões. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 21.

Releia atentamente os trechos e responda.

- Aponte as áreas de intertextualidade entre o poema de Drummond e os trechos da epopeia camonianiana.
- Podemos considerar o uso da intertextualidade como plágio?
- Há, em termos temáticos, unidade de intenções entre os dois poemas?

2 Leia o texto.

Ó tu, que tens de humano gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzela
Fracá e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la).
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois não te move a culpa que não tinha.

Luis de Camões. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 108.

Observando a estrofe, verifique e transcreva seu esquema rítmico e o tipo específico de verso utilizado.

3 Leia.

Vi por mandado da Santa e Geral Inquisição esses dez Cantos de _____, de _____, dos valorosos feitos em armas que os portugueses fizeram em Ásia e Europa, e não achei coisa alguma escandalosa nem contrária à Fé e aos bons costumes, somente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o Autor, para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos deuses dos gentios.

O trecho acima é uma adaptação do parecer de Frei Bartolomeu Ferreira a respeito de importante obra. Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas:

- (a) *Viagens na Minha Terra* – Almeida Garrett.
- (b) *Caramuru* – Frei Santa Rita Durão.
- (c) *Prosopopeia* – Bento Teixeira.
- (d) *Mensagem* – Fernando Pessoa.
- (e) *Os Lusíadas* – Luís Vaz de Camões.

4 Leia.

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império e as terras viciosas
De África e Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Tomando como referência a epopeia camoniana e o fato de os versos apresentados fazerem parte da Proposição de *Os Lusíadas*, responda:

- (a) Os termos destacados significam cantar sem embaraço, aos quatro cantos do mundo.
- (b) Os termos destacados devem ser tomados por domínio da arte poética e capacidade de fazer versos na medida nova.
- (c) Podem, tais versos, ser entendidos como domínio da arte poética e capacidade de fazer versos usando os modelos grego e romano.
- (d) “Engenho e arte” são termos ligados à poética platoniana.
- (e) Os termos destacados significam “máquina de guerra” e “virtude poética”.

5 Assinale a alternativa incorreta. No canto V de *Os Lusíadas*:

- (a) Adamastor representa os perigos enfrentados pelos navegadores lusitanos na travessia do oceano Atlântico para o oceano Índico.
- (b) os portugueses assistem à transformação do gigante Adamastor em penedo quando tentam ultrapassar a parte mais meridional da África.
- (c) apesar das ameaças do gigante, os navegantes prosseguem, esperando ardentemente que os perigos e castigos profetizados sejam afastados.
- (d) a nuvem negra que se desfaz, antes associada ao Cabo das Tormentas, abre novas esperanças em relação aos objetivos da viagem.
- (e) a voz de “tom horrendo e grosso” do gigante Adamastor, ao dar lugar a um “medonho choro”, deixa ver aos navegadores que o perigo já foi afastado.

6 Leia

*Tu só, tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.*

Camões. *Os Lusíadas* – episódio de Inês de Castro.

- Considerando-se a forte presença da cultura da Antiguidade Clássica em *Os Lusíadas*, a que se pode referir o vocábulo “Amor”, grafado com maiúscula, no 5º verso?
- Explique o verso “Tuas aras banhar em sangue humano”, relacionando-o à história de Inês de Castro.

7 Leia.

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

Relendo o trecho citado, fragmento da epopeia camoniana *Os Lusíadas* (1572), indique:

- o núcleo histórico que deu origem a tal passagem.
- a que parte da estrutura de *Os Lusíadas* pertence tal passagem?

8 Leia.

*Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!

Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e a glória.*

Camões. *Os Lusíadas*.

- Considerando esse trecho da fala do velho do Restelo no contexto da obra a que pertence, explique os dois primeiros versos, esclarecendo o motivo da maldição que neles é lançada.
- Nos quatro últimos versos, está implicada uma determinada concepção da função da arte. Identifique essa concepção, explicando-a brevemente.

9 Leia.

41
*E disse: – Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho.*

42
*Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do úmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda hás-de subjugar com dura guerra.*

O trecho que você acabou de ler pertence ao Canto IV de *Os Lusíadas*.

- Qual é o nome que se dá a tal Canto?
- Por que existe a presença da mitologia nessa epopeia?

10 Leia o texto a seguir.

87

*Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual ua rica fábrica se erguia
De cristal toda e de ouro puro e fino,
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.*

88

*Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Nua alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prêmio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.*

[...]

92

*Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes, Heroicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.*

93

*E ponde na cobiça um freio duro,
E, na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania, infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente;
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.*

94

*Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não deem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis as reinos grandes e possantes,
E tereis mais, e nenhum menos;
Passuireis riquezas merecidas,
Co'as honras que ilustram tanto as vidas.*

O texto que você acabou de ler pertence a uma passagem muito especial de *Os Lusíadas* e é parte do Canto IX, correspondendo à volta dos portugueses para casa.

Esse trecho, em especial, recebe o nome de:

- (a) Episódio da Máquina do Mundo.
- (b) Episódio dos 12 da Inglaterra.
- (c) Episódio de Pedro e Inês.
- (d) Episódio da Batalha de Aljubarrota.
- (e) Episódio da Batalha de Salado.

O texto a seguir refere-se às questões 11 e 12.

Mote Alheio

*Perdigão perdeu a pena,
não há mal que lhe não venha.*

Voltas

Perdigão que o pensamento

Subiu a um alto lugar,

Perde a pena ao voar,

Ganha a pena do tormento

Não tem no ar nem no vento

Asas com que se sustenha:

Não há mal que lhe não venha.

Quis voar a uma alta torre,

Mas achou-se desasado;

E, vendo-se depenado,

De puro penado morre.

Se a queixumes se socorre

Lança no fogo mais lenha;

Não há mal que lhe não venha.

11 A propósito do vilancete acima transcrito, que é de Luís Vaz de Camões, Antônio José Saraiva e Óscar Lopes, na sua *História da Literatura Portuguesa* dizem que ele faz de Camões “*um dos precursores do Conceptismo de Seiscentos*”. Diga por que e exemplifique.

12 Se o vilancete pertence à medida tradicional, ou a que se chama de “medida velha” do verso português, Camões cultivou também uma nova medida, na qual se tornou o maior poeta de língua portuguesa. Que medida foi essa e que poema famoso Camões escreveu nela? Diga, o que foi *il dolce stil nuovo*, de que literatura foi importado e quem foi que o introduziu em Portugal.

13 Leia e responda.

*Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Parém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava a Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor, tão curta a vida!*

Luís de Camões. *Rimas*. Coimbra: Almedina, 2005. p. 147.

- a) Dê as características clássicas presentes no texto.
- b) Comente o aspecto verbal do mais-que-perfeito do indicativo do penúltimo verso.

14 Tomando ainda o texto anterior, responda.

- a) Há antecipações barrocas nesse soneto?
- b) No último verso há antítese ou paradoxo? Justifique.

O texto a seguir refere-se às questões de 15 a 17.

*Alma minha, gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente
e viva reu cá na Terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puros viste.*

*E se vires que pode merecer-te
alguma coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus que teus anos encurtou-se,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo dos meus olhos te levou.*

Luís de Camões. *Rimas*. Coimbra: Almedina, 2005. p. 172.

15 Releia o texto e responda.

- (a) Trata-se de um soneto (dois quartetos e dois tercetos), em versos de medida tradicional e esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
- (b) Trata-se de um soneto, forma fixa de 14 versos decassílabos.
- (c) O platonismo revela-se no texto através do tema da morte, distanciamento, tristeza e solidão, quesitos básicos para a concepção do Amor em Platão.
- (d) Trata-se de versos de medida nova, com características renascentistas.
- (e) Trata-se de uma ode ao modelo horaciano.

16 Com relação aos advérbios destacados no texto, assinale a alternativa correta:

- (a) Indicam a posição do poeta.
- (b) Significam distanciamento entre o poeta e Dinamene.
- (c) São advérbios indicadores e em termos semânticos correspondem, respectivamente, a Céu e Terra.
- (d) Podem ser tomados como indicadores do amor entre ambos.
- (e) Não possuem papel adverbial no texto.

17 Tomando em consideração o segundo verso da primeira estrofe, o termo em grifo significa:

- (a) a amada do poeta morreu porque estava descontente com sua vida.
- (b) a amada, homenageada em versos tão pungentes, preferiu a segurança do mundo das almas (“Lá no Céu”).
- (c) o termo em questão é adjunto adnominal de vida e pode ser interpretado como “vida sem contentamentos”.
- (d) o termo grifado corresponde ao significado “vida triste, sem significado”.
- (e) o termo grifado significa vida impossível de ser vivida.

18 Leia.

*No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na Terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

Nessa estrofe, Camões:

- (a) exalta a coragem dos homens que enfrentam os perigos do mar e da terra.
- (b) considera quanto deve o homem confiar na providência divina que o ampara nos riscos e adversidades.
- (c) lamenta a condição humana ante os perigos, sofrimentos e incertezas da vida.
- (d) propõe uma explicação a respeito do destino do homem.
- (e) classifica o homem como um bicho da terra, dada sua agressividade.

19 Leia.

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na Terra sempre triste.*

Luis de Camões. *Rimas*. Coimbra: Almedina, 2005. p. 172.

- Existe uma forte oposição no interior da estrofe. Identifique-a e dê uma pequena explicação para ela.
- Os verbos *repousa* e *viva* estão no mesmo modo? Explique.

20 Leia os textos.

Jacó encontra-se com Raquel

Depois, disse Labão a Jacó: Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? Ora, Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha os olhos baços, porém Raquel era formosa de parte e de semblante. Jacó amava Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel. Respondeu Labão: Melhor é que eu te dê, em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo.

Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que eu me case com ela. Reuniu, pois, Labão, todos os homens do lugar e deu um banquete. À noite, conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó. E coabitaram [...] Ao amanhecer, viu que era Lia, e por isso disse Jacó a Labão: Que é isso que me fizeste? Não te servi por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste? Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita. Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás. Concordou Jacó, e se passou a semana desta; então Labão lhe deu por mulher Raquel, sua filha, [...] E coabitaram. Mas Jacó amava mais Raquel do que Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos.

Gênesis, 29, 15-30, Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1962.

Soneto 88

*Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava a Lia.*

*Vendo o triste pastor com que enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se não a tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!*

Camões. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963. p. 298.

O soneto acima transcrito é obra maneirista de Luís de Camões. Nele, pode ser encontrado(a):

- (a) a suspeita de amor que o poeta declara na conclusão.
- (b) o jogo de contradições e perplexidades que atormentam o poeta.
- (c) o fato de todos perguntarem ao poeta por que assim anda.
- (d) o fato de o poeta não saber responder a quem o interroga.
- (e) a utilização de um soneto para relato das suas amarguras.

Os textos a seguir referem-se às questões **22** e **23**.

Esparsa – Ao desconcerto do mundo
Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal-ordenado,
Fui mal, mas fui castigado.
Assim que, só pera mim
Anda o Mundo concertado.

Luís de Camões. In: *Redondilhas: obras completas*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1963. p. 475-6.

Nós
Ai daqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E – custa a crer – deixam viver os maus!

Cesário Verde. *O Livro de Cesário Verde*. 9 ed. Lisboa: Ed. Minerva,
1952. p. 122.

22 Nessa redondilha de Camões e na estrofe do poema *Nós*, do realista Cesário Verde, os poetas exploram um tema literário bastante comum, presente em obras de poetas de todos os tempos. Trata-se do “*desconcerto do mundo*”, quer dizer, a verificação de que os fatos do mundo acontecem às avessas, em desajuste com as exigências íntimas da vida pessoal. Com base neste comentário, releia os textos e, a seguir, explique que tipo de “desconcerto” é apontado:

- a) por Camões, em seu poema.
- b) por Cesário Verde, em sua estrofe.

23 Nos primeiros versos de “Esparsa”, Camões demonstra sua consciência sobre o “desconcerto do mundo”. Em decorrência disso, confessa uma mudança de atitude. Releia o poema e, em seguida:

- explique como se dá essa mudança de atitude.
- comente o resultado de sua tentativa.

24 Leia.

*Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho, logo, mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minh’alma transformada,
que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
pois consigo tal alma está liada.*

*Mas esta linda e pura semideia,
que, como um acidente em seu sujeito,
assi co a alma minha se conforma,*

*está no pensamento como ideia:
e o vivo e puro amor de que sou feito,
como a matéria simples busca a forma.*

Camões. ed. A. J. da Costa Pimpão.

É correto afirmar que, nesse soneto:

- a experiência individual e a reflexão filosófica, alternando-se e conjugando-se, encaminham o desenvolvimento do poema.
- a fusão do eu e do outro, almejada no amor, produz a conversão da forma em simples matéria.
- a influência platônica, patente no texto, determina a renúncia ao impulso erótico-amoroso.
- a oscilação entre ascetismo e erotismo, típica do autor, resolve-se pela eleição da mulher imaterial e dessexuada.
- os excessos da imaginação amorosa produzem uma confusão mental que caberá à razão disciplinar.

Soneto

*Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.*

*Amor é brando, é doce e piedoso,
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deuses, odioso.*

*Se males faz Amor, em mi se veem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.*

*Mas todas suas iras são de Amor;
Todos estes seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.*

Luís de Camões. *Sonetos de Camões*. 2 ed.
São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 23.

Levando em consideração o texto apresentado e o poeta clássico português dono de tais versos, assinale entre as alternativas a seguir a única integralmente correta.

- (a) Trata-se de um soneto camoniano, de tom maneirista e versos em medida clássica.
- (b) Nele, o poeta lamenta a condição do homem barroco, dividido entre o amor e as incertezas da vida.
- (c) É um soneto maneirista, típico da fase de transição entre o fim de Humanismo e o Barroco.
- (d) Propõe uma explicação a respeito do homem em desencontro consigo mesmo, vítima do amor.
- (e) Considera que o homem é um ser vulgar, ambíguo e volúvel em seus sentimentos desencontrados.

26 Leia.

*Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que tanto viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas
Em cuja vista o meu se acende e mata;*

*E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;*

*Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.*

*Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepende minha vingança.*

Depois de ler atentamente o texto clássico acima, de autoria de Luís Vaz de Camões, responda:

- a) Qual o modelo estrutural usado por ele?
- b) Em que você poderia aproximar o posicionamento do poeta em relação à mulher amada com aquele que os trovadores e poetas palacianos tomavam?

RESOLUÇÃO

Exercícios complementares

Épica camoniana

1. a) O primeiro verso do poema de Drummond apoia-se no último verso da estrofe 106 do Canto I de *Os Lusíadas*, em uma clara intenção de recriação literária: “O homem, bicho da Terra, tão pequeno” se opõe a “Contra um bicho da Terra tão pequeno?”
b) Não. O plágio é feito às escondidas, de maneira a não chamar a atenção para o texto original; é técnica escusa, penalizada de acordo com a lei. Na intertextualidade, um texto “conversa” com outro, no sentido de valorizá-lo, realçando-lhe o conteúdo e valor.
c) Sim. O poema de Drummond teve como apoio o poema de Camões; embora separados por quatro séculos, falam das mesmas aventuras humanas: o de Drummond narra viagens interplanetárias, o de Camões narra as aventuras humanas fora da Europa, em outros continentes.
2. O verso utilizado por Camões é o decassílabo em oitava-rima ou rima real; o esquema rímico é ABABABCC.
3. E
4. B
5. A

6. a) Trata-se de referência ao deus Eros ou Cupido, o deus dos sentimentos, o Amor.
b) É uma metáfora: ara é pedra de altar; portanto a referência é sacrifício, o amor exige sacrifícios até aqueles assemelhados ao que aconteceu a Inês: a decapitação.
7. a) O episódio da morte de Inês de Castro, a rainha coroada depois de morta.
b) Canto III, que é também denominado Episódio de Inês de Castro.
8. a) O Velho do Restelo, no Canto IV, amaldiçoa os navegadores portugueses, os primeiros a colocar "seco lenho" (madeira enxuta) sobre os mares; o motivo é porque muitas mortes tinham ocorrido e muita ambição por riquezas aparecera. É uma condenação eloquente contra a empreitada mercantil portuguesa, que ceifara centenas e centenas de vidas jovens, pais de família, velhos e soldados, com a finalidade de buscar riquezas. Famílias, mulheres, filhos foram abandonados por essa causa.
b) O Velho, que representa a tradição e se coloca contra o mercantilismo, condena os portugueses ao esquecimento; "nem cítara sonora ou vivo engenho" representa que não sejam louvados por canções ou pelo vivo engenho (maneira de pôr em versos) das epopeias os feitos que glorificaram o povo português.
9. a) Episódio de O Velho do Restelo.
b) Porque Camões sofreu influência dos clássicos épicos grego e latino, Homero e Virgílio.
10. A
11. O conceptismo aparecerá como técnica literária apenas no Barroco, mas Camões, nos versos, usa um jogo de ideias típico daquela escola. A base de tal raciocínio é a palavra "pena" que tem duplo sentido: pena de sofrer e pena de voar. Ao ler o poema, a voz poética do texto comanda o raciocínio do leitor.
12. A medida é a "nova" ou "clássica", versos decassílabos. Com ela, Camões escreveu todos os seus sonetos, mas o poema que o consagrou em tal medida foi *Os Lusíadas*. O "doce estilo novo" é o verso decassílabo, empregado na forma fixa do soneto; quem o trouxe da Itália foi Sá de Miranda.
13. a) Estruturalmente, o texto apresenta a forma de soneto e o uso dos versos decassílabos, características fundamentais do Classicismo renascentista.
b) O mais-que-perfeito representa uma ação iniciada e acabada no passado; portanto, o eu lírico projeta o seu amor como capaz de ter feito o máximo em um tempo que terminou.

14. a) Sim. É interessante observar que o tema é religioso, o que, de todo, tinha sido negado pelo Classicismo. No último verso, podemos ver os enfoques de palavras antitéticas (longo, curta); há também o predomínio do tema sofrimento, amor que causa dor e exílio interno.
- b) De qualquer maneira, o paradoxo é também uma forma de antítese, mais refinada e muito mais trabalhada. O que se instala aqui é o desequilíbrio "longo amor" versus "curta vida". Afinal, para que serve ter um amor longo se a vida é curta?
15. B
16. C
17. C
18. C
19. a) A oposição está configurada pelos advérbios "cá" e "lá", indicando o eu lírico na Terra (vivo) e a amada no céu (morta).
- b) Não, porque "repousa" está no imperativo e "viva" está presente do subjuntivo.
20. a) O verso decassílabo no soneto é o exemplo para esse procedimento.
- b) Na Bíblia, Jacó tem em casamento as duas mulheres: é um bigamo, portanto; Camões escreve o poema como se Jacó, depois de servir sete anos, se dispusesse a servir outros sete por amor a Raquel.
21. A

22. a) Camões, em seu poema, queixa-se do fato de ter visto sempre os maus se saírem bem e os bons passarem no mundo "graves tormentos". Eis aí o poema mais conhecido do autor sobre o tema "desconcerto do mundo".
- b) Em Cesário Verde, a queixa é que as doenças afligem os bons e deixam viver os maus, o que parece ser contradição.
23. a) O eu poético confessa ter sido bom a vida toda, mas resolve ser mau por saber que eles não são punidos.
- b) "Fui mau, mas fui castigado" - aqui, de novo se dá o desconcerto do mundo. Ele foi mau, mas em vez de obter benefícios, como todos os maus, é punido, o que causa perplexidade.
24. A
25. A
26. a) O modelo estrutural é o soneto: versos decassílabos, dois quartetos e dois tercetos.
- b) No Trovadorismo, a coita amorosa pode se aproximar dos versos camonianos, além do tratamento que se dispensa à mulher amada: senhora; na poesia palaciana, o tratamento é o mesmo, mas as palavras se refinam e a queixa de amor permanece.

